

Fontes testemunhais do conflito na Colômbia nas páginas de *O Estado de S. Paulo*¹

Simone PHILIPSEN²
Wellington HACK³
Laura David BUCHLOZ⁴
Gabrieli WAGNER⁵
Angela ZAMIN⁶

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O conflito interno colombiano é o mais longo da América do Sul, com mais de meio século. No presente artigo, analisamos os textos informativos publicados pelo jornal brasileiro *O Estado de S. Paulo* que tratavam das negociações de paz entre o governo colombiano e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), no período 2012-2017. Partindo de um Protocolo de Análise de Fontes (FONSECA JUNIOR, 2009), identificamos as fontes e as classificamos por categorias e grupos. Aqui, escolhemos analisar um desses grupos, as testemunhais que integram a categoria das fontes individuais. Do total de 832 fontes identificadas em 377 textos informativos, 171 são fontes individuais e, destas, apenas 32 testemunhais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Internacional; Conflito; Fontes Testemunhais; *O Estado de S. Paulo*; Análise de Conteúdo.

Introdução

No decorrer das aulas de Jornalismo Internacional, começamos a discutir sobre o conflito interno colombiano. Depois entendermos o conflito, porque ocorre e quem são os principais agentes, seguindo um protocolo de pesquisa, Protocolo de Análise de Fontes (FONSECA JUNIOR, 2009) que toma por base as categorias de fontes propostas por Ericson et al. (1991 apud SANTOS, 1997), analisamos todos os textos informativos da editoria Internacional do jornal de referência⁷ brasileiro *O Estado de São Paulo* que tratavam da Colômbia. Esses textos datam do período 2012-2017, quando se deram as

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Bolsista PIBIC/CNPq. Estudante do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW. E-mail: mone.phil@hotmail.com

³ Estudante do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW. E-mail: wfelipehack@hotmail.com

⁴ Estudante do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW. E-mail: laura.bucholz@hotmail.com

⁵ Estudante do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW. E-mail: gabrieliwagner14@gmail.com

⁶ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM-FW. Líder do Resto – Laboratório de Práticas Jornalísticas (CNPq/UFSM). E-mail: angelazamin@gmail.com

⁷ Sobre jornalismo de referência ver: Zamin (2014).

negociações de paz entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e o governo colombiano.

Classificamos as fontes em categorias e grupos, identificamos o gênero jornalístico dos textos – notas, notícias, reportagens, reportagens especiais, perfis e entrevistas – e indicamos a autoria (repórteres e fotógrafos), o enquadramento das matérias e a denotação de enquadramento das fontes. Analisamos 377 textos informativos do *Estadão*, oriundos de 326 edições do jornal. Destes, 37 textos não traziam nenhuma fonte. Identificamos a presença de 832 fontes distribuídas nas seguintes categorias: Jornalísticas, 82 fontes; Institucionais e Organizacionais Governamentais, 353; Institucionais e Organizacionais Não Governamentais, 112; Individuais, 171; e Documentais, 114.

A primeira categoria se subdividia em jornalistas, meios-fonte e agências; a segunda, governamental, em executivo, legislativo, judiciário, polícia e organismos intergovernamentais, como, por exemplo, ONU e Unesco; a terceira, não governamental, grupos guerrilheiros, entidades e ONGs; a quarta categoria, das fontes individuais, se subdividia em especializadas, ocasionais, testemunhais e personagens políticos sem vínculo formal com o executivo ou o legislativo. Deste mapeamento, surgiram diversas questões de pesquisa. A que vamos analisar nesse artigo é um recorte sobre fontes testemunhais, especialmente as vítimas conflito.

Contexto histórico colombiano

O conflito interno colombiano vem causando prejuízos à Colômbia e provocando vítimas há mais de meio século. O conflito surgiu em 1964 e se caracteriza por “um negócio bélico lucrativo que se perpetua influenciado pelo tráfico de drogas”, conforme explica Stephen Ferry, autor do livro *Violentologia*, citado em reportagem da BBC (COSOY, 2016). Nos anos 1960, ex-combatentes liberais fundaram as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), com o objetivo de lutar pela distribuição igualitária de terras. O surgimento foi antecedido pelo período conhecido como *La Violencia*, resultado do confronto entre conservadores e liberais.

O Exército de Libertação Nacional (ELN), outra guerrilha colombiana, juntou-se às Farc pelo mesmo ideal. Alguns especialistas apontam, ainda, para o grande êxodo rural como um dos fatores para o início do conflito. Às guerrilhas de esquerda se

sobrepõem outros atores do conflito, como narcotraficantes e paramilitares. As Auto Defesas Unidas da Colômbia (AUC), um exército de extrema direita criado em 1997 para combater as guerrilhas, por exemplo, é um deles. Desmanteladas em 2006, no governo do presidente Álvaro Uribe (2002-2010) – atualmente senador e opositor das negociações de paz com as guerrilhas –, os integrantes das AUC conformaram vários grupos insurgentes denominados Bandas Criminais Emergentes (Bacrim), como, por exemplo, o grupo Águilas Negras.

A questão dos cartéis de droga na Colômbia faz com que não somente grupos internos atuem no conflito, mas também outros países e blocos econômicos. González (2007) aponta que a Colômbia produz aproximadamente 90% da cocaína consumida nos Estados Unidos, fazendo com que o conflito seja financiado pelos EUA como questão de segurança nacional. Ainda de acordo com o autor, a relação entre grupos armados e a produção de drogas agrava o conflito, já que eles se tornam autossuficientes pela venda do produto. O autor aponta, ainda, que a União Europeia e seus membros mantém um relacionamento distante das questões colombianas, que oscilam entre cooperar em projetos de ajuda econômica, mas que tem um distanciamento nas soluções militares promovidas pelos EUA.

Segundo Cosoy (2016), o conflito já gerou “mais de 260.000 mortos, dezenas de milhares de desaparecidos, quase sete milhões de pessoas que tiveram de deixar suas casas à força, estupros, sequestros e inúmeras vidas marcadas para sempre”. Spindler (207) ressalta que o deslocamento de pessoas dentro da Colômbia é a expressão mais grave dentro da crise humanitária e dos Direitos Humanos no país, não sendo a única. A comunidade internacional assumiu a gravidade do problema desde os anos 1990 e vem buscando garantir aos deslocados acesso a bens e serviços essenciais.

Há um alto índice de deslocados colombianos tanto interna como externamente: cerca de 7 milhões de pessoas tiveram que sair de suas casas. Dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), de 2015, mostram que 6,9 milhões de pessoas se deslocaram internamente na Colômbia, sendo esse o país com a maior taxa, depois da Síria. No Brasil, segundo a Agência da ONU (2015), o número de refugiados colombianos é de 1,1 mil registrados, porém, pode ser maior. Ainda, segundo a ACNUR (2017), “apesar do acordo de paz firmado na Colômbia, cerca de 3,5 mil pessoas foram deslocadas somente este ano [2017] por causa dos confrontos na região do pacífico. No ano passado, 11.363 civis deixaram suas casas devido à violência”.

Quanto às negociações de paz, as primeiras partiram das Farc, em 1982, no governo do presidente Belisario Betancur (1982-1986). Prosseguiram nos governos de César Gaviria (1990-1994) e Andrés Pastrana (1998-2002) e foram interrompidas durante o governo de Álvaro Uribe. No governo de Betancur, as Farc formaram um partido político, a União Patriótica, cujos membros foram executados por paramilitares e narcotraficantes. O diálogo de paz foi encerrado devido à tomada do Palácio da Justiça pelo M-19, guerrilha urbana, já extinta. Em 1998, Andrés Pastrana consentiu em criar uma área desmilitarizada para negociar a paz e a guerrilha se fortaleceu militarmente.

As atuais negociações, entre o governo de Juan Manuel Santos e as Farc, tiveram seu início formalmente em 2012, em Havana, Cuba. Em novembro de 2014 o governo colombiano suspendeu as negociações devido ao sequestro de quatro pessoas pelas Farc. O processo só foi retomado após a libertação dos reféns, um mês depois. Em 2015, as Farc assassinaram dez militares e as Forças Armadas responderam com um bombardeio que deixou 26 guerrilheiros mortos.

Somente em janeiro de 2016 as negociações começaram a ser mais sólidas. O fim definitivo do conflito foi anunciado em junho desse mesmo ano. O acordo firmado pelos dois lados do conflito foi assinado no final de setembro e levado à consulta popular em outubro. A população colombiana rejeitou o acordo por 50,2% dos votos, contrariando o que indicavam as pesquisas. Estima-se que 63% da população se absteve da votação, que não era obrigatória.

A campanha pelo “sim” ao acordo de paz tinha apoio do presidente colombiano Juan Manuel Santos e uma série de políticos dentro e fora da Colômbia, incluindo o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon. Já a campanha do “não” era liderada pelo senador Álvaro Uribe. Entre os motivos para o acordo não ter sido aprovado estão o fato de dar às Farc o direito de se transformarem em partido político e a liberdade aos guerrilheiros. Entretanto, um dos negociadores, Victor G. Ricardo, ressaltou que o resultado obtido no plebiscito não indicava que a população colombiana queria a continuação do conflito. Em entrevista à BBC Mundo, afirmou que “o não no referendo não é um não à paz, não se pode considerar assim. É preciso fazer uma somatória que permita que o fim do conflito tenha um maior respaldo” (MIRANDA, 2016).

Em novembro, o governo e a guerrilha alteraram o acordo de paz, aprovado no Congresso no final de 2016. O fim do conflito interno colombiano foi declarado em 1º

de fevereiro de 2017. Entre de março e junho deve acontecer o desarmamento das Farc, encerrando 52 anos de conflito de conflito interno colombiano.

As fontes testemunhais do conflito

Segundo a proposição de Ericson et al. (1991 apud SANTOS, 1997), as fontes individuais são representantes das vozes populares, além de refletirem o ponto de vista do jornalista. Os autores indicam três modos de uso dessas fontes.

[...] “reação pública” a acontecimentos já enquadrados pelas fontes institucionais nas notícias (caso das cartas ao director); crítica a políticas ou práticas e com impacto negativo directo sobre eles; expressão de emoções face a acontecimentos críticos ou de pontos de vista particulares nas decisões oficiais que, na realidade, apoiam a ideologia do jornalista. Aqui, o jornalista utiliza citações das fontes que se conformam à sua visão dos problemas, que exprimem as suas próprias convicções. (ERICSON et al, 1991 apud SANTOS, 1997, p. 76-77).

É nesse terceiro modo que se baseia a nossa pesquisa: a voz das vítimas do conflito, as fontes individuais testemunhais. De acordo com Amaral (2015, p. 50),

As fontes testemunhais têm papel fundamental. A elas cabe, sobretudo comunicar a experiência de ter visto ou vivido uma situação extrema, ou seja, descrever. As fontes testemunhais são consideradas aquelas que presenciaram o fato, que participaram diretamente da sua causa ou sofreram as consequências dele.

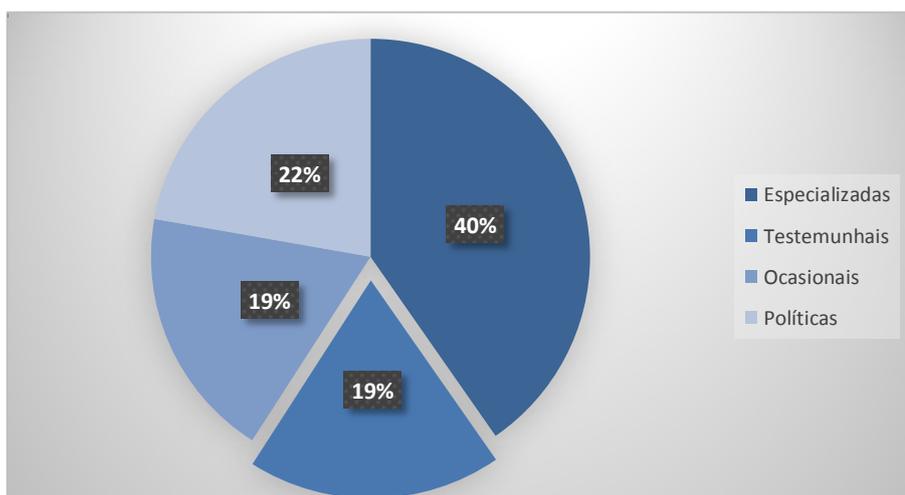
Segundo Schmitz (2011, p. 26), a fonte testemunhal dá ao meio de comunicação credibilidade por funcionar como álibi, representando suas vivências, geralmente uma voz que é identificada como independente e, por isso, verdadeira, mesmo que não relate fielmente o ocorrido. Lage (2011, p. 67) afirma que a fonte testemunhal mais confiável é a mais imediata, pois “se apoia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa”.

A seguir, nos detemos a analisar as fontes testemunhais, um dos grupos que integram a categoria fontes individuais. Como dito anteriormente, por meio da pesquisa acerca da cobertura das negociações de paz na Colômbia em *O Estado de S. Paulo* (2012-2017), identificamos 832 fontes. Dessas, 171 são fontes individuais. Essa

categoria compreende quatro grupos: especializadas, 69 fontes; testemunhais, 32; ocasionais, 32, e políticas, 22.⁸

Apesar de o conflito interno colombiano ter mais de meio século de duração, é reduzido o número de fontes testemunhais apresentadas por *O Estado de S. Paulo* no período da análise. Considerando a duração e o impacto do conflito, o período da análise (2012-2017), e o número total de fontes identificadas – se considerarmos os 340 textos jornalísticos em que há fontes, há uma média de 2,5 fontes por texto –, o número de fontes testemunhais trazidas pelo jornal brasileiro é reduzido. Podemos supor que, por medo de serem expostas e identificadas, algumas vítimas do conflito interno colombiano preferem não aparecer.

Gráfico 1: Fontes Individuais por Grupo – *Estadão* e a paz na Colômbia (2012-2017)



Fonte: Elaborado pelos autores

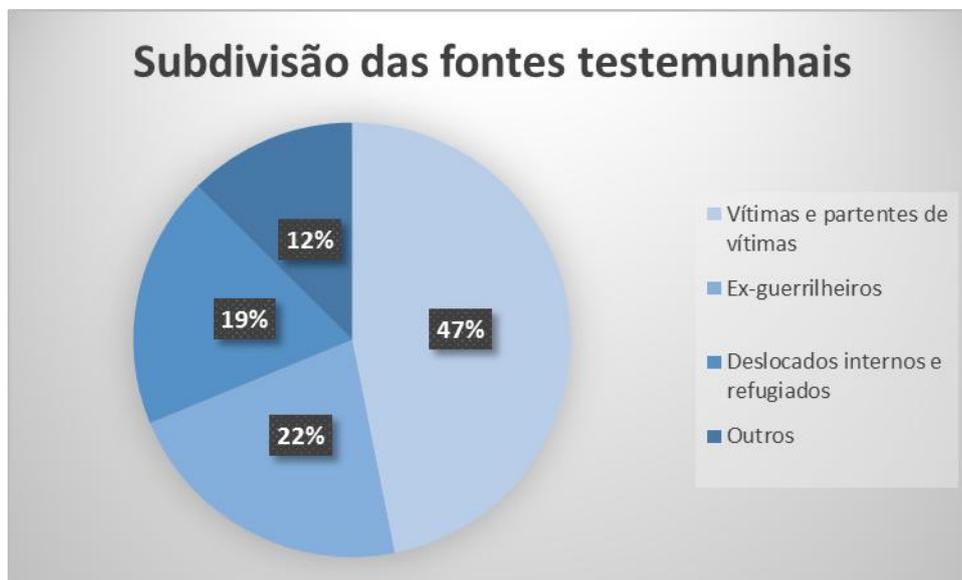
Observando os números obtidos na pesquisa, percebe-se que a maioria das fontes individuais são especializadas (40%) e, logo após, estão as testemunhais e as ocasionais, em igual número (19% cada). Essa disparidade de mais de 20% se dá pelo fato de que é mais prático e econômico para os repórteres de um jornal contatar a um especialista por telefone ou internet para colher informações do que ir até o local dos acontecimentos para identificar e entrevistar pessoas. Tal situação se agrava ainda mais nas coberturas de Internacional, isso porque o local dos acontecimentos está distante geograficamente, em outro país ou continente.

⁸ Representantes de partidos e/ou líderes políticos sem cargo no executivo ou no legislativo.

Além disso, é mais delicado conseguir uma entrevista com uma fonte testemunhal à distância, sem estabelecer a empatia e a confiança necessárias ao diálogo. Se, muitas vezes, pessoalmente, os entrevistados preferem não falar sobre o assunto ou não estão em condições de responder, geograficamente distantes, a negociação entre jornalistas e fontes ganha em complexidade. Também pode ser mais trabalhoso encontrar familiares de vítimas. Assim, o número de fontes especializadas é significativamente maior que as testemunhais, as ocasionais e os personagens políticos nos textos jornalísticos analisados.

Outro dado interessante e que merece ser discutido é a igualdade no número de fontes testemunhais e ocasionais. Fontes ocasionais são aquelas que ocasionalmente acompanham um fato, por estarem no local, mas não precisam ter ligação direta com o acontecimento. Por exemplo, em uma votação, entrevista-se alguém que votou. Como são entrevistas mais fáceis de se conseguir, 32 é um número justificável para esse tipo de fonte, contrastando com as testemunhais, que são poucas.

Gráfico 2: Subdivisões das fontes testemunhais – *Estadão* e o acordo de paz (2012-2017)



Fonte: Elaborado pelos autores

Entre as fontes testemunhais identificamos vítimas e familiares de vítima, como, por exemplo, e-sequestrados pelas Farc ou outro grupo armado, deficientes físicos vítimas de minas terrestres, familiares de desaparecidos ou assassinados, agricultores, deslocados internos e refugiados, ex-integrantes das Farc ou de outra guerrilha ou de grupo paramilitar, etc. Há ainda fontes testemunhais identificadas pelo nome e idade

e/ou função/cargo, designadas, a seguir, como “outros”. Quanto ao gênero das fontes testemunhais apresentadas, 19 são masculinas, 12 femininas e uma de designação genérica (“parente da vítima”). Ainda, quanto à origem, dividimos em: vítimas e parentes de vítimas, 15 fontes; ex-guerrilheiros, sete fontes; deslocados internos e refugiados, seis; e outros, quatro.

Com o objetivo de verificar os dados e se aprofundar nos significados explícitos e não explícitos das matérias, vamos nos basear na afirmativa de Herscovitz (2007, p. 127) quando diz que

A análise de conteúdo pode ser empregada em estudos exploratórios, descritivos ou explanatórios. Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendam os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados.

Vítimas e familiares de vítimas aparecem em maior número entre as fontes testemunhais. Das 15 fontes acionadas, dez são homens, quatro mulheres e uma genérica. Ainda segundo os textos informativos de *O Estado de S. Paulo*, oito delas são vítimas das Farc (três homens e três mulheres, sendo que uma delas é acionada duas vezes, em matérias distintas), três são vítimas de outros grupos armados (todos homens) e quatro de minas terrestres (também homens).

As reportagens com os pais de desaparecidos têm um enquadramento mais humanizado, indicando que as famílias ainda têm esperança de encontrar seus entes. A viúva de um deputado sequestrado e morto pelas Farc, Fabíola Perdomo, por exemplo, apela ao acordo de paz: “Prefiro ver as Farc no Congresso, transmitindo suas visões por meio de palavras e debates do que vê-las no campo atirando e causando mais dor”.⁹ Os textos que trazem como fontes vítimas de minas terrestres enfocam as histórias de vida dos personagens, o processo de desminagem e o papel das Farc, já que a guerrilha utilizou muito de minas terrestres, inclusive distribuindo folhetos com instruções de como fabricá-las.

No dia 15 de dezembro de 2015, em Havana, os negociadores do governo colombiano e das Farc assinaram o acordo final sobre as vítimas do conflito, que englobava a reparação e o julgamento dos crimes da guerra civil. Segundo a reportagem

⁹ SIMAS, Fernanda. Às vésperas de voto sobre acordo, Farc pedem perdão por massacre de 1994. **Estado**, São Paulo, 1º out. 2016, A16.

do jornal brasileiro, algumas vítimas estavam presentes no dia e uma delas falou em nome das demais, afirmando que estavam reivindicando sua dignidade.¹⁰

Os textos informativos analisados trazem deslocados internos ou refugiados, seis no total, quatro mulheres e dois homens. A maior parte, deslocados internos. Há apenas uma colombiana em condição de refúgio e que vive no Brasil. É difícil identificar nas matérias o motivo do deslocamento. Todavia, poder-se-ia falar em motivos, no plural: a violência do conflito, a ação dos grupos armados, a apropriação de terras e consequente expulsão de camponeses, o medo de represálias. Do mesmo modo, nem sempre os textos indicam qual dos atores do conflito colombiano é o responsável por forçar o deslocamento, a migração ou a necessidade de refúgio.

Identificamos, também, ex-integrantes de grupos guerrilheiros ou paramilitares entre as fontes testemunhais. Entendemos que por terem estado diretamente envolvidos com o conflito armado colombiano são parte fundamental no entendimento da situação. Além disso, ao trazê-los, o jornalismo oferta outro enfoque do conflito, pela perspectiva daqueles que estiveram mais próximos dos grupos armados.

Das sete fontes apresentadas como sendo desertores desses grupos, cinco tiveram ligação com as Farc, sendo três mulheres e dois homens; uma com o Exército de Libertação Nacional (ELN) – um homem – e outra com paramilitares – uma mulher. Entre os ex-integrantes de guerrilhas, a maioria não ingressou espontaneamente, foram vítimas de sequestro quando jovens e, em algum momento, desertaram. Milhares de crianças e jovens já foram aliciados e obrigados a servir a algum dos lados do conflito. Quando conseguem fugir do recrutamento, geralmente passam a viver escondidos. É o caso dos dois adolescentes que concederam entrevista ao *Estadão*, ambos vivem em abrigos.¹¹

Nas entrevistas dadas por ex-guerrilheiros podemos notar o papel do tráfico de drogas no conflito. Em uma das reportagens especiais, Yineth Trujillo afirma que “o discurso é: quem cheira e morre são os gringos, não os colombianos”.¹² Desertora, Yineth desempenha vários papéis junto às Farc: plantar de coca, o vigiar reféns, cozinhar e montar acampamentos. Além disso, a reportagem enfoca o tratamento conferido às mulheres dentro da guerrilha. Um dos trechos que se destaca na reportagem

¹⁰ Farc e Bogotá assinam acordo para reparar e julgar crimes da guerra civil. *Estado*, São Paulo, 16 dez. 2015, A13.

¹¹ PEREIRA, Fábio; SOUZA, Clayton de. Meninos-soldados, um drama sul-americano, *Estado*, São Paulo, 7 dez. 2014, p. A14.

¹² CAVALEIRO, Rodrigo. Deserção na Colômbia impõe vida clandestina. *Estado*, São Paulo, 1º jun. 2015, p. A12.

é referente a sua fuga e chegada na cidade: “Quase desmaiei ao ver uma TV. Foi como esbarrar em um extraterrestre”.

Nos textos jornalísticos, quando usado, o jornal sinaliza o emprego de pseudônimo. Ainda, nem sempre há fotografias dos desertores e, quando há, às vezes, são retratos de parte dos rostos.

Considerações finais

As fontes são essenciais para a apuração jornalística que antecede a produção de matérias, pois elas apresentam ou confirmam os dados aos repórteres. Por isso, consideramos de grande importância as fontes testemunhais, capazes de humanizar os relatos jornalísticos, como esses sobre o conflito na Colômbia. No período analisado, como dito anteriormente, *O Estado de S. Paulo* produziu 377 textos informativos na editoria de Internacional, de notas a perfis, acerca das negociações de paz na Colômbia, logo sobre o conflito. Nelas, das 832 fontes acionadas e, dessas, apenas 32 eram individuais testemunhais. Acreditamos que seria interessante terem sido construídas mais histórias de pessoas que sofreram com os abusos das Farc, dos paramilitares ou de qualquer outro grupo armado, para assim dar a ver o que ocorre na Colômbia. Há inúmeros registros de pessoas sequestradas, de mulheres estupradas, de crianças e adolescentes que são recrutados e obrigados a trabalhar para grupos ilegais.

Percebemos que as falas das vítimas, além de deixarem as matérias mais comoventes, despertam a empatia e a atenção dos leitores para a realidade do país. Esse tipo de conteúdo chama mais atenção do que informações apresentadas por fontes oficiais, mesmo sendo complementares umas às outras. Trazer uma abordagem mais próxima da realidade das pessoas faz o leitor refletir sobre assuntos que parecem distantes. Como é um conflito que se estende no tempo, é fácil encontrar pessoas que viveram situações difíceis e tenham histórias para contar. A opinião dos especialistas também é essencial, porém mais fácil de conseguir. Buscar fontes testemunhais torna o texto mais humano, aproxima e sensibiliza o leitor pelos depoimentos.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Global trends: forced displacement in 2015.** The UN Refugee Agency, 2015. Disponível em: http://www.unhcr.org/576408cd7#_ga=1.107270214.533179414.1492541311.

ACNUR. **Tendências globais sobre refugiados e outras populações de interesse do ACNUR.** The UN Refugee Agency, 2015. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>>. Acesso em: 13 dez 2016.

AMARAL, Márcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43-54, jul./dez. de 2015. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/12/Marcia-Franz.pdf>>.

COSOY, Natalio. Como a guerra entre o governo da Colômbia e as Farc começou e por que ela durou mais de 50 anos. **BBC**, 24 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37181620>>.

DESLOCAMENTOS forçados crescem na Colômbia apesar do acordo de paz, diz ACNUR. **ONU Brasil**, 14 mar. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/deslocamentos-forcados-crescem-na-colombia-apesar-do-acordo-de-paz-diz-acnur/>>.

FONSECA JÚNIOR, Wilson C. **Análise de Conteúdo.** In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

GONZÁLEZ, Mabel. Colombia, de la guerra antidrogas a la guerra contra el terrorismo. In: BERNABÉ FRAGUAS, Javier (Ed.). **Periodismo preventivo:** outra maneira de informar sobre las crisis y los conflictos internacionales. Madri: Catarata, 2007, p. 58-74.

HERSCOVITZ, Heloisa G. **Análise de conteúdo em jornalismo.** In: LAGO, C.; BENETTI, M. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 123-142.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9. ed. São Paulo: Record, 2011.

MIRANDA, Boris. **Por que a Colômbia disse 'não' ao acordo de paz com as Farc.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37526293>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes.** Coimbra: Minerva, 1997.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias:** ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011. Disponível em: <http://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Comunicacao/Fontes_noticias.pdf>.

SPINDLER, William. Los periodistas colombianos frente al desplazamiento forzado. BERNABÉ FRAGUAS, Javier (Ed.). **Periodismo preventivo:** otra manera de informar sobre las crisis y los conflictos internacionales. Madri: Catarata, 2007, p. 75-81.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set.-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/16716/0>>.